

RICARDO RAIMUNDO



HISTÓRIA
DE PORTUGAL
PARA GENTE
CURIOSA

9 SÉCULOS DE HISTÓRIA
EM 200 PÁGINAS

 ANUSCRITO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
1 – PORTUGAL: UM PAÍS QUE SE CARACTERIZA FISICAMENTE	15
2 – ANTES DE PORTUGAL E DOS PORTUGUESES: OS PRIMEIROS HABITANTES DA LUSITANA TERRA.....	17
2.1 Ocupação pré-histórica	17
Do Paleolítico ao Neolítico	17
2.2 Idade dos Metais	18
Iberos	19
Celtas	20
Lusitanos	20
Romanos	21
As invasões bárbaras	22
Os Suevos	23
Os Visigodos.....	24
As invasões árabes.....	24
3 – DO INÍCIO DA RECONQUISTA CRISTÃ À ANTECÂMARA DO REINO DE PORTUGAL.....	26
3.1 Uma luta que começou no Norte da Península	26
3.2 Organização administrativa dos cristãos	27
3.3 Os duques de Portucale	27
3.4 O apelo aos príncipes capetíngios da Borgonha	28

3.5 D. Afonso Henriques: fundador de Portugal	30
3.6 A política militar e económica do governo afonsino	32
4 – DA MONARQUIA FEUDAL À MONARQUIA DOS LEGISLADORES	35
4.1 O rei como <i>primus inter pares</i>	35
4.2 A política centralizadora dos sucessores	36
D. Sancho I, D. Afonso II e a Igreja	36
Problemas com D. Sancho II.....	37
Irmão contra irmão: um país em guerra civil	38
D. Afonso III: o rei que veio de França	39
D. Dinis: o rei lavrador e letrado.....	40
5 – A AFIRMAÇÃO DA NAÇÃO PORTUGUESA.....	42
5.1 Um povo, diferentes credos: os muçulmanos e os judeus	42
Os muçulmanos	42
Os judeus	43
O Norte e o Sul que se fundem	44
5.2 Portugal e a civilização do Ocidente	45
A arquitetura religiosa: do românico ao gótico	46
O nascimento da literatura portuguesa	48
Das primeiras letras à universidade: o ensino.....	49
5.3 A sociedade medieval	51
O clero	51
A nobreza	52
O povo	52
5.4 As atividades económicas	53
A produção agropecuária	53
O comércio	54
6 – A CRISE DO SÉCULO XIV	56
6.1 Disputas dinásticas e política hispânica	56
6.2 A peste negra de 1348.....	58
6.3 O maior episódio de amor na História de Portugal: o romance de Pedro e Inês	59
6.4 D. Fernando e as bases da mais antiga aliança diplomática: Portugal e Inglaterra.....	63

6.5 O problema sucessório	65
D. Fernando e o Tratado de Salvaterra.....	65
A ascensão ao trono do Mestre de Avis	66
A ofensiva castelhana	67
As Cortes de Coimbra	68
A vitória de Aljubarrota	68
7 – UMA NOVA DINASTIA QUE SE AFIRMA: A DINASTIA DE AVIS.....	71
7.1 A ínclita geração	72
7.2 Os nobres que se agitam	72
7.3 Disputas dinásticas	75
7.4 O reinado de D. Afonso V e o fim da medievalidade.....	78
7.5 D. João II e a «limpeza» nobiliárquica	80
7.6 O fim da esperança de uma união ibérica sob a égide de Portugal.....	83
8 – UM PAÍS QUE DÁ NOVOS MUNDOS AO MUNDO.....	84
8.1 As razões da expansão	84
8.2 O papel do infante D. Henrique na epopeia dos Descobrimentos	86
8.3 Etapas das descobertas	88
As ilhas do Atlântico	88
Reconhecimento da costa africana até ao golfo da Guiné.....	89
O caminho da Índia	91
O Tratado de Tordesilhas (1494)	94
A entrada no oceano Índico	95
O achamento do Brasil: do reconhecimento à exploração.....	98
9 – O IMPÉRIO MARÍTIMO PORTUGUÊS.....	101
9.1 Organização política e militar do império	102
O império asiático.....	102
O Estado da Índia	104
O sistema de fortalezas: a defesa do império	105
A força naval	105
9.2 A organização comercial do império	106
O sistema de feitorias.....	106
A «carreira da Índia»	107
O monopólio régio e os seus limites	109
9.3 A particularidade do Brasil: colónia de povoamento e exploração	110

9.4 A escassez de recursos humanos	111
9.5 A crise portuguesa	113
Os primeiros sintomas: o desastre marroquino	115
10 – A DECADÊNCIA DA HEGEMONIA PORTUGUESA NO MUNDO	116
10.1 D. Manuel (1495-1521) e o regresso da nobreza titulada	116
A política interna	117
A política externa	118
O sonho da união dinástica com Castela	120
10.2 D. João III, o <i>Piedoso</i> (1521-1557)	120
Política externa.....	120
D. João III e a Igreja	121
10.3 A desejada sucessão de D. João III: D. Sebastião (1557-1578).....	122
Os regentes: D. Catarina e D. Henrique	123
A controvérsia em torno da personalidade de D. Sebastião	124
A conjuntura política e moral: o avivar do sentimento nacional	124
A preparação da cruzada	125
A derrota de Alcácer Quibir	127
11 – A CULTURA E A SOCIEDADE PORTUGUESAS NO SEU SÉCULO DE OURO 128	
11.1 A produção literária	129
11.2 Obras de arte	129
11.3 A rutura da sociedade portuguesa: os judeus e a Inquisição.....	130
11.4 A instituição do Santo Ofício (23 de maio de 1536)	132
11.5 A atuação da Inquisição	133
11.6 As Misericórdias	134
12 – A MONARQUIA DUAL: PORTUGAL SOB A ÉGIDE FILIPINA.....	135
12.1 O fim da dinastia de Avis (1578-1580).....	135
12.2 Os herdeiros do trono português: o prior do Crato.....	135
12.3 O jogo de bastidores de Filipe II e a batalha jurídica	136
12.4 A governação de Filipe II (1581-1598)	138
12.5 Filipe III	139
12.6 Filipe IV.....	141
13 – A RESTAURAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA	143
13.1 Os «tumultos de Évora» de 1637	143
13.2 O papel do duque de Bragança na oposição ao rei de Espanha	144

13.3 A Restauração de 1640.....	145
13.4 A guerra da independência	146
14 – O GOVERNO DOS BRAGANÇA.....	147
14.1 A sucessão dinástica e a regência de D. Luísa de Gusmão	147
14.2 A subida ao trono de Afonso VI (23 de junho de 1662)	147
14.3 A administração de Castelo Melhor	148
14.4 O golpe de Estado de 1667	149
14.5 As dificuldades económicas	150
14.6 O ouro do Brasil	151
A crise da economia colonial	152
As consequências da chegada do ouro	152
14.7 D. João V, o <i>Magnânimo</i> (1706-1750)	154
14.8 Um reino que tenta recuperar o tempo perdido	155
Pombal, o ministro de D. José, ou o despotismo iluminado.....	156
O terramoto de 1755 e a reconstrução de Lisboa.....	157
O controlo da alta nobreza: o processo dos Távora	158
O controlo da Igreja: a expulsão dos jesuítas.....	160
14.9 A inversão de marcha: D. Maria I e a Viradeira.....	162
Continuidade da política	162
A loucura da rainha e a regência de D. João	163
A luta contra a França «imperialista»	164
Portugal e Napoleão	166
As Invasões Francesas	167
14.10 D. João VI e Portugal governado a partir do Brasil.....	172
O governo de Beresford em Portugal	174
A revolução liberal de 1820	176
A Constituição de 1822 e a independência do Brasil.....	177
Lutas entre liberais e absolutistas: as guerras liberais.....	180
A sucessão de D. João VI.....	183
O triunfo dos liberais.....	186
14.11 A cultura moderna	187
15 – O FRACASSO DO LIBERALISMO.....	191
15.1 A evolução do regime político de 1834 a 1842.....	192
15.2 Costa Cabral e as revoltas de 1846-1847.....	194
15.3 A aparente estabilidade política: a regeneração (1851-1890).....	196

16 – A CULTURA DO SÉCULO XIX	199
16.1 O romantismo português	199
16.2 A Geração de 70.....	200
16.3 O teatro	201
16.4 Do simbolismo ao modernismo	202
16.5 O fado	202
16.6 A vida artística	203
16.7 A arte moderna	205
17 – A QUEDA DA MONARQUIA.....	207
17.1 As ideias republicanas em Portugal	207
17.2 A crise política de finais do século XIX.....	208
17.3 O Regicídio e o fim da monarquia	209
18 – O FRACASSO DA I REPÚBLICA.....	211
18.1 Os governos que se sucedem	211
18.2 A ditadura militar (1926-1933).....	214
19 – O ESTADO NOVO.....	216
19.1 Um regime que se instala	217
19.2 A «mística imperial».....	218
19.3 O novo fôlego do regime no pós-guerra.....	218
19.4 A remodelação governamental	219
19.5 A ação de Humberto Delgado (1958-1962)	221
19.6 A guerra colonial	223
19.7 Os últimos anos de Salazar (1962-1968)	225
19.8 O fracasso do marcelismo (1968-1974)	226
19.9 O fim do Estado Novo.....	227
19.10 A Revolução dos Cravos	229
20 – A TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA.....	231
20.1 Democracia popular ou democracia liberal?	231
20.2 A instauração da democracia (1976-1980)	234
20.3 Democracia presidencial ou democracia parlamentar?	235
20.4 A instauração da democracia	236
20.5 Portugal na Europa.....	236
BIBLIOGRAFIA.....	238

INTRODUÇÃO

Numa sociedade como aquela em que vivemos, cada vez mais marcada pelo imediatismo e com os olhos postos no futuro, por vezes esquecemo-nos de que para melhor percebermos os tempos vindouros temos, em primeiro lugar, de compreender o que existiu antes de nós, o nosso passado, a nossa História. Só assim poderemos evitar seguir caminhos que já foram trilhados no passado com resultados nada agradáveis.

Infelizmente, por falta de interesse ou de tempo, deixamos o conhecimento desse passado para último lugar. Como um familiar meu me dizia quando lhe disse que ia cursar História, trata-se de um conhecimento que não produz rendimento, não gera riqueza, por isso nada interessa. Em boa verdade, esta opinião encontra-se hoje bastante generalizada, tendo chegado à cúpula dos nossos dirigentes, que, constantemente, reduzem os programas de História e a carga horária da disciplina, já para não falar no modo como continua a ser lecionada, exigindo-se a memorização de datas e de nomes em vez da compreensão dos acontecimentos.

Percorrendo este caminho, que leva os jovens e consequentemente os adultos de amanhã a afastarem-se do interesse no seu próprio passado, como muito bem alertava Daniel Sampaio em 2014 (*Público*, 14 de maio), «Estamos a construir uma sociedade sem memória. [...] Os poucos conhecimentos adquiridos para os exames são depressa esquecidos, sem que haja cuidado em que os estudantes compreendam os grandes movimentos sociais», com todos os riscos que daí resultam.

Pretende-se, pois, com esta *História de Portugal para Gente Curiosa*, contribuir para despertar o interesse na nossa memória coletiva, sendo este livro um ponto de partida para outras leituras e aprofundamentos.

Procuraremos dar a conhecer a História de Portugal a pessoas curiosas, ou seja, de uma forma concisa, simples e o mais direta possível. Seguiremos o fluir dos acontecimentos mais importantes na sua linha temporal, apresentando igualmente as figuras que mais se destacaram até ao final do século xx, entre reis, descobridores e homens da cultura e da religião.

Ainda que esteja organizado de forma cronológica, este livro não obriga a uma leitura sequencial, permitindo que o leitor avance ou recue na cronologia da História de Portugal consoante os seus interesses.

1

PORTUGAL: UM PAÍS QUE SE CARACTERIZA FISICAMENTE

Quando falamos da formação de Portugal enquanto nação e estado, não se pode dizer que ela resulta de uma individualidade geográfica que tenha dado origem à nacionalidade portuguesa, o que explicaria a sua separação política do resto da Península. Em boa verdade, Portugal não tem uma unidade natural e não é mais do que o prolongamento das grandes regiões morfológicas da Espanha. Assim, segundo o geógrafo Orlando Ribeiro, podemos distinguir três grandes conjuntos: um Norte atlântico, que abrange todo o litoral, do Minho ao Sado; um Norte interior, que engloba Trás-os-Montes e a Beira até ao rio Tejo; e um Sul mediterrânico, predominantemente constituído pelo Alentejo e Algarve. Estas regiões são semelhantes às regiões espanholas que com elas fazem fronteira. O contraste entre Trás-os-Montes e o Minho repete-se entre a Galiza interior e a Galiza litoral. A Beira Baixa e o Alentejo têm semelhança com a Estremadura espanhola. A Meseta de Castela prolonga-se até Miranda do Douro e para leste do distrito da Guarda.

Portugal não tem uma unidade com origem no relevo. Ao invés, a fragmentação do Norte em serras e vales profundos, onde a circulação é por vezes complicada, contrasta com uma vasta planície a sul. Esta disposição este-oeste do relevo dificulta as relações entre o Norte e o Sul do país até aos dias de hoje. A homogeneidade do clima também não existe: na metade norte predominam tipos de clima atlânticos e na metade sul tipos de clima mediterrânicos.

No Norte atlântico domina o pinheiro bravo, o gado de grande porte, a policultura, a pequena propriedade, o povoamento disperso

e fortes densidades populacionais. O Norte interior é a terra do carvalho e do castanheiro, da cultura do centeio, da repartição em campos e matas, do povoamento agrupado em aldeias com fortes tradições comunitárias, e de densidades médias de população. Já no Sul dominam as charnecas, a grande propriedade, o sobreiro e a oliveira, a cultura do trigo em rotação com os grandes pousios, a criação de ovelhas e de porcos, e densidades populacionais muito pequenas. Estas diferenças entre o Portugal do Norte e o Portugal do Sul, cuja fronteira de forma simplificada poderíamos traçar no rio Mondego ou na linha do Tejo, foram ainda reforçadas pelo tempo histórico da conquista muçulmana e da reconquista cristã.

Mais importante é a divisão que opõe o Portugal litoral ao Portugal interior. O litoral apresenta uma costa linear pouco favorável à navegação. Apenas dois estuários profundos permitem a instalação de portos: o do Tejo, em Lisboa, e o do Sado, em Setúbal. No Douro, o Porto foi obrigado a ultrapassar a desvantagem de uma barra difícil. O facto é que foi este Portugal atlântico, muito mais virado para a Europa do Norte do que para o Mediterrâneo, que lhe deu a sua vocação marítima. Foi o «Grande Mar Oceano», como era conhecido o Atlântico, que favoreceu o nascimento e a consolidação da nação e do Estado português, cuja natureza é essencialmente atlântica e muito pouco mediterrânica.

Este dualismo atravessa toda a História de Portugal. No litoral, um povo de marinheiros empreendeu a grande epopeia da expansão ultramarina. No interior, um povo de camponeses e de pastores ficou virado sobre si próprio, vivendo em autarcia, mergulhado no conservadorismo e dominado pela Igreja Católica. Até uma época recente, este dualismo deu origem a duas economias e a dois mercados: uma economia litoral virada para o grande comércio marítimo internacional e uma economia interior dominada por uma agricultura de subsistência indiferente aos grandes circuitos comerciais.